

MEMÓRIA CAMPINEIRA (18)

CAMPINAS E SUA IMPRENSA NOS VELHOS TEMPOS DE 30

Paulo Pompeu, jornalista campineiro que, por muitos anos, militou em nossa imprensa, vivendo atualmente em São Paulo, onde continua em atividade (é editor de **Dirigente Rural**, revista do grupo Visão), publicou em 22 de fevereiro de 1979, no **Correio Popular**, estas reminiscências da vida de imprensa de “seu tempo”, e que julgamos de interesse transcrever nesta seção dedicada a evocar a **Memória Campineira**:

“Modesto trabalhador, há meio século, do jornalismo paulista, foi em Campinas, no **Diário do Povo** e no **Correio Popular**, que consolidei minha formação profissional, inspirado no exemplo de homens que, nesta cidade deram e dão lustro e glória ao nosso ofício. Deles aprendi a exercer o jornalismo com amor, correção e dignidade, e deles sempre ouvi palavras de estímulo e conforto nas horas boas e más, acolhido que fui como companheiro e amigo nas salas de trabalho e nos lares.

Recuando no tempo e no espaço, volto, por um milagre de emoção e de saudade, àquela distante noite de dezembro de 1932, quando, conduzido por Plínio do Amaral, pela primeira vez ocupei um lugar à banca de revisão do **Diário do Povo**. Horas depois já me sentia à vontade no casarão da Rua César Bierrenbach, porque o Villa, o Pedrosinho, o Medaljon, o Durval Cardoso, o Danton e outros colegas logo me promoveram à categoria de companheiro e cedo trataram de cortar-me a pele de foca.

Após breve ausência, em setembro de 1933, retorno a Campinas e ao **Diário do Povo**; meses depois, a convite de Júlio Mariano, ingresso no **Correio Popular**. Alarga-se então o meu círculo de conhecimentos no mundo da imprensa: nas esquinas dá Rua Barão, eu já podia reconhecer à distância a bengala de Tasso Magalhães, a barba de Luso Ventura (que ciosamente guardava essa recordação pelosa das batalhas de 32), os cabelos brancos de Aristides Lemos; também à distância eu podia distinguir os ecos das amigáveis discussões entre o Sarmentinho, o Lanaro e o Serra. Fiz-me amigo de Edmundo Barreto, Talvino Egídio e José Dias Leme, da boca de Leopoldo Amaral ouvi histórias de Campinas, José da Silva Roso leu-me crônicas de arte, Zek e Juquita por vezes ilustraram trabalhos meus, com Barbosa Pupo sonhei empresas formidandas.

Tive como chefes e amigos Moacir Chagas, Benedito Cavalcante Pinto e Néelson Omegna. Trabalhei sob o comando de Antônio

Franco Cardoso, Ademar Ribeiro e Antônio Ribeiro Júnior, ao lado de Bráulio Mendes Nogueira, Santos Júnior, Laerte Dias, Paulo Vargas, Ernestinho Alves. Descontei vales com José de Oliveira Santos, Porphirio Cardoso e Maneco Ribeiro. E também com Heitor Cintra Machado, que merece referência especial por se tratar, em toda a imprensa brasileira e talvez internacional, do único gerente de empresa jornalística que jamais indagou da importância a descontar: tomava o vale em silêncio, ia direto ao cofre e nunca disse não.

Ao embalo das recordações, eu posso reconstituir fases da imprensa campineira, lembrando vivos e mortos: Orlando Carpino, D. José Paulo da Câmara, Jolumá Brito, Sólton Borges dos Reis, João Doliveira Toledo, Francisco Soares, Amilar Alves, Claret Costa, José Pais Pereira, Gumercindo de Campos, Pereira da Cunha, Rodolfo Noronha, Tulmann Neto, Raul Marques, Carlos Alberto de Oliveira, Wilson de Oliveira Santos, Sílvio Silva, Gonsalves Machado, Otávio Rocha, Abel Dias, Danilo Villagelin, Mário Erbolato, Fernandes Soares, Jorge Leme, Norberto de Souza Pinto, os Pedrosos, José de Oliveira Fonseca, Jerônimo Sebastião da Silva, José Evangelista, Alberto Macedo Júnior, Saulo do Amaral Santos, Henrique Vogel, Celso Ferraz de Camargo, Otávio Benedito e tantos outros que, entre 1932 e 1942, estiveram direta ou indiretamente ligados à vida jornalística de Campinas. Quero simbolizar os nossos mortos nessa figura ímpar de jornalista, de cidadão e de amigo, o querido José Villagelin Neto, o Villa, que dia após dia mais se aviva em nossa lembrança e em nossa saúde.

Ao findar essa incursão ao passado, vejo quanto devo a Campinas. De fato, aqui aprendi a fazer um pouco de tudo em jornal (antes eu havia trabalhado apenas como repórter forense e arquivista), do solene artigo de fundo à leve crônica, dos telegramas do exterior ao noticiário local, da reportagem trabalhosa aos simples avulsos. Integrei-me na vida da cidade, assistindo à inauguração de sua era industrial, acompanhando o progresso de sua agricultura e de seu comércio; aqui fundei o meu lar. Testemunhei a evolução de seus órgãos de imprensa, vi nascerem bairros, multiplicarem-se escolas, florescerem as ciências, as letras e as artes, a religião e a caridade. Busquei nas fontes da história as origens de sua sociedade tão paulista porque tão campineira. Conheci seus homens públicos e os expoentes das profissões liberais, convivi com a gente do povo, com todos aqueles que, inspirando-se no passado, constroem o admirável presente de Campinas e preparam o seu portentoso futuro.

Se, até agora, sem embargo das vicissitudes inerentes a todas as profissões, conservo inabalável a fé na imprensa, como veículo honesto de informação, e no seu ideal de servir; se guardo o entusiasmo de foca pelas tarefas humildes e pelas missões de responsabilidade; se, ao narrar os fatos e interpretar acontecimentos, procuro moldar-me na correção e na imparcialidade que tão bem caracterizam os jornais de Campinas — tudo o devo à minha passagem pelas redações desta cidade.”